

Neurociências no Brasil: Vocação do Pesquisador ou Sobrevivência Acadêmica?

Neuroscience in Brazil: Vocational Researcher or Academic Survival?

Marco Orsini¹, Carlos Henrique Melo Reis², Marco Antonio Araújo Leite³, Júlio Guilherme Silva⁴, Osvaldo JM Nascimento⁵, Clynton Lourenço Corrêa⁶, Luciane Bizari Coin de Carvalho⁷, Marcos RG de Freitas⁸, Jano Alves de Souza⁹, Acary Bulle Oliveira¹⁰, Giseli Quintanilha¹¹, Sara Lúcia Silveira de Menezes¹², João Santos Pereira¹³

RESUMO

Torna-se extremamente difícil avaliarmos a produção científica em neurociências no Brasil, seja do ponto de vista qualitativo ou quantitativo. As pesquisas no Brasil evoluíram consideravelmente nos últimos anos, principalmente do âmbito internacional, fato consumado através de resultados estampados pelas principais instituições de fomento e nos dados fornecidos pelo *Institute for Scientific Information (ISI)*. O objetivo do presente estudo é o fornecimento de uma discussão provocativa à respeito das diferenças entre o pesquisador por vocação e os pesquisadores voltados aos interesses da indústria e da academia. Dentro do ambiente de competitividade, acreditamos que a vocação do pesquisador deve prevalecer mas, sem dúvida, sofrerá influências várias do mercado de trabalho, com repercussões importantes no processo decisório profissional. Na atualidade ainda existem lideranças científicas que antes privilegiam interesses pessoais talvez indefensáveis do gozo pelo destaque no mostruário da grei ou tão somente húbriis científico que os legítimos processos pedagógicos da construção do saber e das práticas investigativas, prejudicando, destarte, o real potencial dos futuros pesquisadores.

Unitermos. Neurociências, Ciência, Pesquisadores.

Citação. Orsini M, Reis CHM, Leite MAA, Silva JG, Nascimento OJM, Corrêa CL, Carvalho LBC, de Freitas MRG, Souza JA, Oliveira AB, Quintanilha G, Menezes SLS, Pereira JS. Neurociências no Brasil: Vocação do Pesquisador ou Sobrevivência Acadêmica?

Trabalho foi realizado na Universidade Nova Iguaçu - UNIG, Nova Iguaçu-RJ, Brasil.

1.Médico, Professor Pesquisador da Secretaria de Saúde - Hospital Geral de Nova Iguaçu - HGNI - Universidade Nova Iguaçu - UNIG e do Programa de Mestrado em Ciências da Reabilitação - UNISUAM, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 2.Neurologista - Universidade Iguaçu - Nova Iguaçu - Rio de Janeiro, RJ, Médico da Secretaria de Saúde - Hospital Geral de Nova Iguaçu - HGNI - Universidade Nova Iguaçu - UNIG, Nova Iguaçu-RJ, Brasil; 3.Neurologista, Doutor em Neurologia - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 4.Fisioterapeuta, Professor do Programa de Mestrado em Ciências da Reabilitação - UNISUAM, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 5.Professor Titular e Coordenador da Pós-Graduação em Neurologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 6.Fisioterapeuta, Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 7.Psicóloga, Doutora, Professora Afiada da Disciplina de Neurologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil; 8.Neurologista, Professor Titular e Chefe do Serviço de Neurologia - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro - RJ, Brasil; 9.Neurologista, Doutor em Neurologia - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 10.Neurologista, Doutor em Neurologia, Universidade Federal de São Paulo-SP, Brasil; 11.Neurologista, Doutor em Neurologia - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 12.Fisioterapeuta, Doutora, Professora do Programa de Mestrado em Ciências da Reabilitação, UNISUAM - Centro Universitário Augusto Motta, Bonsucesso, Rio de Janeiro-RJ, Brasil; 13.Neurologista, doutor em Neurologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

ABSTRACT

It is extremely difficult to evaluate the scientific production of neuroscience in Brazil from the point of view of quantitative as well as qualitative. Nowadays, there is no doubt that there have been considerable research scenery changes in Brazil, especially from the international impact. The purpose of the present study is make a provocative discussion regarding differences between vocation of true researcher and researchers associated to the industry and academy. Within the competitive environment, we believe that the vocation of the researcher should prevail but, no doubt, will suffer influence from the marketing, with repercussion on the professional decision. At present there are still scientific leaders that look for personal interests causing damage in the real potential of the future researchers.

Keywords. Neuroscience, Science, Researchers.

Citation. Orsini M, Reis CHM, Leite MAA, Silva JG, Nascimento OJM, Corrêa CL, Carvalho LBC, de Freitas MRG, Souza JA, Oliveira AB, Quintanilha G, Menezes SLS, Pereira JS. Neuroscience in Brazil: Vocational Researcher or Academic Survival?

Endereço para correspondência:

Marco Orsini
Rua Herotides de Oliveira, n2, complemento 801 - Jardim Icarai
CEP 24230240, Niterói-RJ, Brasil.
E-mail: orsinimarco@hotmail.com

Atualização
Recebido em: 18/06/12
Aceito em: 02/01/13
Conflito de interesses: não

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil apresentou um avanço expressivo em áreas específicas do conhecimento, antes atributo exclusivo de países desenvolvidos, tal como ocorre com a genômica. Este fato deve-se ao investimento de instituições de fomento à pesquisa, com consideráveis melhorias da infraestrutura compatíveis com a pesquisa científica no país. Do mesmo modo, a produção científica nas áreas do âmbito das neurociências clínicas, particularmente na área de neurologia, setor que transitamos, tem apresentado um grande incremento, com novos grupos sendo adicionados às escolas tradicionais¹.

Inúmeros centros de excelência em pesquisas em neurologia|neurociências permitem ao jovem pesquisador uma sólida formação em programas de pós-graduação *lato sensu e stricto sensu* em muitas universidades, com nível semelhante ao de países desenvolvidos. O fator decisivo para alavancar ainda mais a pesquisa clínica em neurociências é o investimento nos laboratórios clínicos para fornecer a infraestrutura necessária para a pesquisa de melhor nível e utilizar o potencial humano já disponível².

Este artigo promove uma reflexão acerca do modelo de competitividade imposto pelas universidades – *publish or perish* – na busca desenfreada por publicação em periódicos internacionais de alto impacto científico e social, que muitas vezes promovem a exclusão de potenciais pesquisadores, por não se enquadrarem nos critérios de exigência. A formação científica é um processo que demanda tempo e amadurecimento; por conseguinte, é quase impossível a reedição biográfica de um Rimbaud na ciência, porquanto o bardo encerrou sua carreira poética aos dezenove anos. Assim, devemos realizar a seguinte pergunta no que diz respeito ao exercício da pesquisa no Brasil: o olhar, o ouvir, o sentir, o prazer e o escrever são tematizados ou, em outras palavras, questionados enquanto etapas de constituição do conhecimento pela pesquisa empírica?

Essa reflexão torna-se fundamental para o pesquisador como experiência de aprendizagem, mas também é importante como conhecimento e vivência a ser socializada, com suas dificuldades, descobertas, barreiras e vitórias nesse exercício de sensibilidade, aproximação e distanciamento na construção do campo do saber.

MÉTODO

Neste estudo de atualização da literatura, foi realizada uma busca nas bases de dados Bireme, Scielo e Pubmed com as seguintes palavras-chave: Metodologia Científica, Pesquisa no Brasil, Revistas Científicas, Pesquisadores no Brasil, Neurociências no período de 1996 a 2009. Livros de Referência na área abordada também foram utilizados como base na fundamentação teórico-conceitual.

Sabemos o Real Significado de Ciência e Método?

A marca fundamental da ciência nos diversos momentos da história é a tentativa de explicar, descobrir as leis que regem os fenômenos. Ao fazer essa tentativa, a relação do homem com o conhecimento torna-se uma “relação em que o homem passa, por assim dizer, a ter o fenômeno em suas mãos, o que, em última instância, lhe permite interferir naquilo que conhece”³.

Entendemos que reconhecer a ciência como tentativa de explicar racionalmente os fenômenos está vinculado a nossa compreensão acerca do conhecimento científico, ou seja, compreender a “ciência como atividade humana em que o homem busca conhecer o mundo e nele intervir, atividade que está presente em toda a história humana, fazendo parte integrante dela, desde o momento em que esse conhecimento, de uma origem prática, passa a ser elaborado com algum grau de abstração. Ao mesmo tempo, vincula-se ao entendimento da ciência como uma atividade humana que não permanece idêntica, porque é historicamente determinada, que é produto do homem em condições históricas dadas, que se transforma à medida que o homem se transforma e que, simultaneamente, interfere na própria história”³.

Acreditamos que cada pesquisador possui uma capacidade de interferir e questionar naquilo que conhece e desconhece. Para tal necessita abstrair, refletir e principalmente possuir necessidade de liberdade de raciocínio. A universidade deve avaliar tais considerações e permitir que tais profissionais possam buscar, farejar e desenvolver suas próprias potencialidades. Faz-se necessário, entretanto, um período de adaptação com a pesquisa e reflexões acerca dos critérios metodológicos. Simplesmente posicionar jovens pesquisadores em linhas de pesquisa pré-definidas e fomentar publicações em revistas específicas, apesar de

promover resultados positivos para a universidade, pode cessar suas potencialidades e suas virtudes científicas. Em nenhum momento criticamos tal postura, entretanto apontamos alguns possíveis efeitos catastróficos de um “podar profissional inconsciente”. A produção científica deve sempre associar-se ao prazer pela pesquisa em si, e a publicação o seu enamoramento. Como acertadamente afirma Manguel, sob a pompa e as circunstâncias de uma produção, há um rumor, um sussurro, um bosque imenso e escuro de folhas caídas ou descartadas⁴.

Torna-se lógico que falar da construção do conhecimento pressupõe falar de uma de suas características mais fundamentais – o método. Ao construir o caminho em direção à explicação dos fenômenos o método expressa concepções do homem, da natureza, da sociedade, da história e do conhecimento que trazem a marca do momento histórico em que o conhecimento é produzido⁵. A crítica dá-se no sentido que muitos programas de pós-graduação já o oferecem como ingredientes indispensáveis para a formulação de futuras pesquisas e critério básico de aceite para determinado periódico. Qual o real significado da Universidade, estimular nos jovens profissionais a capacidade de criação de métodos ou simplesmente utiliza-los como objetos para desenvolvimento de pesquisas com métodos pré-formulados?

Será que os modelos impostos pelas universidades permitem aos jovens pesquisadores responder à tais questões: 1) Qual é o público alvo de seu artigo? 2) Quais (ou qual) as características inovadoras do artigo? 3) O que o leitor terá ampliado ou ampliada após o estudo do artigo? 4) Que outras pesquisas poderão beneficiar-se do conteúdo do artigo? 5) Qual a importância dos seus resultados para a população analisada e para o país de origem? 6) Seria mais oportuno, de acordo com a proposta e conteúdo, publicá-lo em revistas indexadas de caráter nacional ou internacional?

Infelizmente nem todos possuem liberdade de problematização dessas questões e preferem, por comodidade ou pressão interna, absterem-se de tais reflexões e submeterem o processo decisório a outros membros do sistema. É lógico que existe uma hierarquia dentro desse contexto, fazendo com que o jovem pesquisador, como membro do programa, submeta seus processos decisórios aos orientadores e responsáveis pelo programa. A grande questão é

a necessidade do jovem pesquisador se posicionar dentro desse processo e seus orientadores possuírem mínima sensibilidade de aceitar tais desafios e encará-los como uma forma de desenvolvimento de seus alunos. Em nenhum momento fomentamos uma banalização dessa relação, entretanto, sublinhamos a necessidade de vida própria ao pesquisador. Este processo vai fazendo parte da construção de nossa identidade de pesquisador, e no nosso caso permitem questionar certas crenças de nossa prática.

A publicação é a etapa final da pesquisa, onde vão ser expostos aos pares e ao público leigo os resultados, reflexões e novos questionamentos que surgiram dessa pesquisa. O fato da universidade colocar a publicação como condição de título, subverte seu objetivo primário de fomentar o conhecimento. Não se busca mais um pesquisador, seleciona-se um replicador ou operário de pesquisas já em andamento. E assim, a publicação não é mais conhecimento a ser apresentado, é um produto encomendado.

Como citado por Toninato (2007), uma das características inerentes ao homem é a sua liberdade. Temos uma existência livre e, por isso, única no contexto da natureza. Todos os outros seres vivos estão subordinados a leis biológicas que não podem controlar. O homem, pela liberdade e inteligência e por sua liberdade criadora, converte o mundo natural em um mundo de artefatos; ele constrói a ciência, cria obras de arte e, também pela filosofia, interpreta o mundo de outro modo. Não obstante, a liberdade tem seus perigos, uma vez que “pode permitir” destruir a natureza, comprometer pessoas e promover desavenças, mesmo que intelectuais. Por isso a liberdade não pode ser absoluta; ela exige conviver com todos, o que significa aceitar normas de compatibilização. Podemos, assim, dizer que a bioética constitui uma orientação positiva para a verdadeira e plena liberdade de expressão no campo da neurociências. Em vista disso, devemos considerá-la e aplicá-la em todas nossas relações⁶.

As principais implicações dos avanços das neurociências na sociedade contemporânea e, logicamente entre os atores diretos, os pesquisadores, é que a ciência nem sempre promove justiça, paz, solidariedade, bem-estar, equidade, liberdade, saúde e cultura⁷. Devemos prestar a máxima atenção para a agenda científica visto que nem tudo aquilo que “pode ser feito”, “deve ser feito”, e vice-

-versa. Estes critérios apontam para o campo dos valores, em particular para a ética dos métodos neurobiológicos aplicáveis ao ensino e à aprendizagem. Alguns métodos poderiam vulnerar o princípio de prudência, outros o de responsabilidade civil ou o direito à privacidade. O que não podemos aceitar é a mediocridade científica e a limitação de nossos horizontes de questionamentos e reflexões acerca de nosso real papel como produtores da ciência.

Por que nossos pesquisadores não buscam estratégias para melhorias do impacto científico em periódicos indexados no Brasil?

O pesquisador no Brasil, aquele com honestidade e veia científica, é considerado uma espécie rara e sujeita a extinção, principalmente se busca a publicação como meio de divulgar seu conhecimento e não como produto de venda. Necessitamos nos adaptar às exigências de órgãos de fomento em pesquisa para concorrer com pesquisadores internacionais, muito mais preparados técnica e cientificamente. Deveríamos sempre realizar uma reflexão quando submetemos um artigo para publicação: por que nossos periódicos são sempre colocados em segundo plano e nossos estudantes e colegas de profissão quase nunca têm acesso direto a essas informações que foram moldadas para exportação? Infelizmente o não envio de trabalhos para o exterior, principalmente para revistas americanas, é sinônimo de fragilidade de produção científica e descrédito. Nossas palavras só ganham poder quando reproduzidas no exterior. Até mesmo a maioria de nossos periódicos indexados já apresentam estrutura e corpo americanizados. E aqueles que ainda prezam a ciência e a liberdade de expressão, “coitados” – estão sucateados. Penso que ciência não possui idioma, nem mesmo nacionalidade. O real pesquisador pode ser definido como o sujeito capaz de transformar sua inquietude intelectual em questões várias e, posteriormente na formulação de um arcabouço teórico-conceitual para resposta de algumas perguntas ou geração de novas dúvidas e questionamentos.

A grande distância entre a qualidade da pesquisa biomédica realizada em nosso meio, com a dos países de primeiro mundo não é explicada por menor capacidade intelectual dos nossos cientistas, mas pela extraordinária

diferença na capacidade dos recursos financeiros. O sucesso na vida acadêmica, frequentemente, está associado à habilidade do investigador em captar verbas para seus projetos, e para isso necessita publicar em revistas internacionais de alto impacto, como uma maneira de justificar a sua qualidade para determinado assunto em determinada área do conhecimento^{7,8}.

Pesquisa Científica: Da Troca de Saberes a Inversão de Valores

Após leitura crítica do editorial da Revista de Neurologia da Espanha redigido por Andrés JVS & Viguera C e intitulado: “*Análisis: factor de impacto y comunicación científica*”⁹, pudemos extrair algumas conclusões e questionamentos. Será o conhecimento científico e, logicamente a troca de saberes algo natural e compartilhado entre os principais periódicos nacionais e internacionais ou uma busca desenfreada pelo domínio e status científico? Os editores criticam, com certa delicadeza, a relação unilateral que estabelecem com os periódicos norte-americanos. Afirmam que embora a revista científica supracitada tenha, nos últimos anos, aumentado consideravelmente o índice de impacto, não recebeu colaboração de periódicos americanos. Afirmam ainda que sofrem um processo denominado “amnésia de citação”, uma espécie de desprezo científico, ou seja, revistas concorrentes não a citam para impedir ou mesmo frear o crescimento técnico-científico de tal periódico. Parece absurdo tal consideração, entretanto é frequente entre a maioria dos periódicos. Tais considerações promovem a seguinte reflexão: Qual o principal objetivo dos periódicos, fomentar conhecimento científico ou promover concorrências internas? Quais os critérios para aceite dos periódicos, qualidade da obra ou citação de artigos do mesmo periódico que abordem o mesmo tema? Podemos confiar fielmente nos resultados? Somos realmente valorizados ou simplesmente objetos do sistema? As revisões por pares são realmente isentas de interesses quando avaliam um artigo ou se deixam levar pela vaidade de serem os primeiros a publicarem um tema original?

Tais considerações são importantes pois tornam transparentes tais questões e provocam uma grande reflexão acerca do modelo atual. Em adição, reforço que devemos ser cautelosos, porém não pusilânimes, com de-

terminadas mudanças na academia e na indústria que de certa forma possuem a capacidade de transformar o perfil dos pesquisadores e modificar determinados resultados.

Inúmeras revistas científicas de impacto em nosso país também são preteridas e assoladas por periódicos de caráter internacional e, infelizmente, a pesquisa de um artigo de neurociências em língua portuguesa, ainda é motivo de preconceito e considerado menos valia. Passamos diariamente por esse processo denominado de “amnésia de citação”, como um estúpido e covarde mecanismo de autodefesa e favorecimento. Muitos pareceristas, acreditamos que para alimentação da autoestima, arranhada por pesquisas mais atuais, cobram diplomaticamente a citação de seus artigos como condição primordial para aceite da pesquisa. Nem sempre o fator de impacto de um periódico reflete rigorosamente sua qualidade. A publicação de um artigo de um grupo com muitos pesquisadores ou mundialmente conhecido, mesmo que de baixa qualidade, trará muitas citações e aumentará o prestígio do periódico. Prestígio é sinônimo de qualidade nesse caso?

Infelizmente as pesquisas no campo da neurologia|neurocientistas não são realizadas com neutralidade, pois são influenciadas por interesses institucionais, interpessoais, “ vaidade ” científica, condições financeiras para sua realização ou pelo posicionamento político ou religioso.

Devemos pugnar por uma postura diferente, mas não aquela que faz concessões fáceis, que compromete postulados diante da ciência e da técnica. A postura “correta” seria aquela que permitisse uma discussão igualitária, em igualdade de condições, com outras formas de saber, em prol das neurociências. Uma conduta científica aberta ao diálogo com todas as formas e tipos de saber para buscar soluções e responder a objetivos. Parece que quanto mais evoluímos mais distante estamos desses propósitos.

O jovem pesquisador e a geronto-hierarquia

O que poderíamos dizer para um jovem estudante que gostaria de começar a desenvolver pesquisa científica no Brasil? Essa resposta pode até parecer uma questão sem sentido fora do nosso país, entretanto não aqui. No Brasil, ainda não sabemos ao certo qual a verdadeira missão da universidade e do professor universitário. O que distingue as universidades das faculdades isoladas ou

reunidas? Antigamente, se estabeleceu um modelo que as universidades formariam as elites de um povo (massa crítica). No Brasil, os jornais substituíram a palavra povo por população. População é uma categoria da estatística e não um conceito das ciências humanas. Nas escolas politécnicas é formada a força de trabalho com qualificação superior. Nas universidades, se pesquisa, ensina, pensa e aprende. Nas escolas, o ensino é instrucional. Nas universidades, o ensino é formacional e epistemologicamente fundamentado. As universidades formam a elite pensante cuja tarefa é dar respostas científicas aos problemas humanos. Será que ainda o fazem? Será que nossos professores estão preparados para tal? Será que o atual modelo de ensino e pesquisa os permitem pensar? Será que ainda existe tempo para isso?

A forma de educar na atualidade tornou-se preguiçosa e quase que insuportável, com as universidades sucateadas e grande parte dos professores indispostos a lutar, como se já aceitassem um nebuloso fim de suas atividades acadêmicas e intelectuais. Não possuímos capital para pesquisa nem tampouco estímulo governamental. Bolsas de Iniciação Científica e pífios valores destinados aos alunos de programa de mestrado e doutorado não condizem com o desgaste intelectual demandado para tais atividades. O governo finge e a educação também. Acreditamos em um grande fingimento coletivo, na maioria das situações. O grande problema é o comprometimento de programas rigorosos de pesquisa e ensino em neurociências, que por conta da mediocridade de seus vizinhos são afetados indiretamente.

Quem já fez uma pesquisa sabe que este é um trabalho árduo e recheado de elos perdidos¹⁰. É difícil começar. E mais difícil ainda terminar. Para os mais experientes ou mesmo iniciantes, segue um grande conselho: comece lendo algo, tenha um método e objetivos de leitura. Ao ler, sinta vontade de ilustrar muitas passagens de um trecho, principalmente aquelas de inspiração socrática. Ler sem objetivo e sem método deve ser um sofrimento, um castigo que se aplica aos que não têm projetos de vida ou de felicidade. Miguelis (2003), ainda escreve: “Falar no abstrato é fácil. A questão que se coloca para a maioria dos pesquisadores não é o que fazer, mas como fazer”¹⁰. Como fazer é método, procedimento, protocolo. O que fazer é objetivo, meta, estratégia, devendo ser criada e la-

pidada pelo próprio pesquisador com o passar do tempo.

Achamos necessário um momento para discussão de questões e problemas vários concernentes à neurociências e seus desdobramentos internos, sob o modo de produção capitalista, tendo como eixo central uma racionalidade orientada fundamentalmente por combinar a mundialização capitalista à monopolização dos conhecimentos técnicos e científicos. Tal discussão poderia gerar inquietude para se pensar determinados aspectos da formação do jovem pesquisador, na área de neurociências, como a ausência de uma discussão acerca dos limites e alcances do exercício científico.

O homem ainda é incapaz de pensar a si próprio, ainda que tenha desenvolvido os mais refinados mecanismos para desvelar o mundo¹¹. Falta à sociedade e, mesmo, ao quadro institucional acadêmico, uma compreensão mais abrangente do “que é ciência”, como está estruturada, seu enraizamento sociocultural, os valores axiológicos nela imiscuídos, ou seja, problematizar acerca de suas várias esferas, tendo, no horizonte analítico, as transformações do homem e as transformações do mundo, que, em tempos de globalização, ocorrem em um ritmo vertiginoso. Tais questões deveriam estar no horizonte da formação do jovem pesquisador, abrindo, assim, caminhos para novas aquisições intelectuais.

Infelizmente a prática e estudo das neurociências, mesmo possuindo uma participação ativa e expressiva na sociedade, mesmo com sua gama de contradições, ainda representa um mecanismo de dominação, calcado em um discurso compartimentado, onde sua expressão máxima é a presença do pobre “*especialista em determinada área*”.

Faz-se necessário imprimir à moderna racionalidade científica e ao jovem pesquisador o fornecimento de uma dimensão cujo arcabouço pode ser dado pela reflexão crítica de base filosófica. Infelizmente esse modelo não encontra-se preparado, devendo ser moldado intelectualmente pelo próprio pesquisador. Isso sim é ciência - ou acreditamos que seja.

Gostaríamos de ressaltar que provavelmente alguns leitores irão discordar em determinados aspectos durante a leitura desse provocativo texto. Por exemplo, sabemos que a língua inglesa é universal; que a maioria das nações desenvolvidas e outras em desenvolvimento não entendem o português e provavelmente, não vão procu-

rar estudar esta língua. Adicionamos também que sendo a difusão científica necessariamente globalizada, todas as revistas escrevem artigos em inglês^{8,12}. Nossas afirmações podem soar como xenofobia, entretanto buscamos somente a fortificação e defesa de nosso idioma e de nossas revistas. “Cá entre nós: O que é mais chique e “elegante”, citar Revista Brasileira de Neurologia ou American Journal of Neurology?

Lendo e relendo o artigo Rocha e Silva M (2009)¹², destinado ao presidente da CAPES, Dr. Jorge Guimarães, pudemos perceber que algumas de nossas considerações se entrelaçam. Em vista disso, não poderíamos deixar de citar uma passagem, que diz respeito aos periódicos brasileiros, e que chama muita atenção: “O esnobismo dos numerólogos se junta a certo saudosismo brega pela moda chique do século passado. Os ilustres senhores aprenderam etiqueta de publicação nos anos 60-80 com seus maiores: publicar em periódico brasileiro era burrice e vergonha! Ninguém lia, ninguém tinha acesso, etc, etc. Mas parece que os tipos nem perceberam que já estamos no Século XXI. E aqui também, Jorge, aqui na ciência, a moda chique começa a mudar: nestes primeiros nove anos, os downloads de artigos da coleção SciELO saltaram de menos de meio milhão para quase 100 milhões/ano. É isso mesmo: somos hoje duzentas vezes (vinte mil por cento!) mais lidos que em 2000! Não me entenda mal, meu amigo! Não estou querendo dizer que ao sul do Trópico de Câncer se publica ciência tão boa quanto ao norte. Mas essa diferença, que é real, não exclui a existência de viés anti-periódicos-terceiomundistas. Este viés define-se em poucas palavras: a diferença de impacto é muito maior que a diferença de qualidade”.

Temos em mente também que as pesquisas devem ser direcionadas para o interesse de nosso povo e não ficarem à “vontade” dos pesquisadores - não seríamos inconsequentes a tal ponto. Entretanto quem deve buscar uma linha de pesquisa é o jovem pesquisador, de acordo com o seu interesse. É difícil despirmo-nos das vaidades, porem é necessário, quando se olha para a progressão do conhecimento da coletividade e não para o individual.

CONCLUSÃO

Buscou-se com tal discussão, conscientizar e promover reflexões acerca da formação do mundo científico,

principalmente dos jovens pesquisadores, sobre investigações e seu real papel no campo das neurociências no Brasil¹³. Devemos estar conscientes de nossa liberdade de expressão e da nossa responsabilidade, pois só assim seremos capazes de subsistir como atores sociais emancipados e comprometidos e contribuir com as gerações futuras de investigadores em nosso Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Bacheschi LA, Guerreiro CAM. Situação das neurociências no Brasil: neurociências clínicas. *Cienc Cult* 2004;56:25-31.
2. Ventura DF. Situação das neurociências no Brasil: disciplinas básicas. *Cienc Cult* 2004;56:25-26.
3. Andrey MA, Micheletto N, Sérgio TMP, Rubano DR, Moroz M, Pereira ME, et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. 6ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; 1996, p.138.
4. Manguel A. Nuevo elogio de la locura. Buenos Aires: Lumen, 2006, p.87.
5. Collet N, Rozendo CA. Questões metodológicas da pesquisa no campo da saúde. *Rev Latinoam Enferm* 2001;9:106-11.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692001000300017>
6. Toninato MAD. Desafios éticos e bioéticos da neurociência. *Bioetikos* (Centro Universitário São Camilo) 2007;1:88-95.
7. Battro A. Culturas influenciam de maneira diferente áreas do córtex cerebral. São Leopoldo, 2006, p.19.
8. Rasslan S. O pesquisador-médico: da academia às parcerias. *Rev Assoc Med Bras* 1999;45:93-4.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42301999000200001>
9. Sánchez-Andrés JV, Viguera C. Análisis: factor de impacto y comunicación científica. *Rev Neurol* 2009;49:57.
10. Migueles CP. Pesquisa: por que administradores precisam entender disto? São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003, 152p.
11. Mores RV. In defense of imaginative research programs in the education of young researchers. *Interface* 2007;11:105-18.
12. Rocha-e-Silva M. O Novo Qualis, que não tem nada a ver com a ciência do Brasil: carta aberta ao presidente da CAPES. *Clinics* [online] 2009; 64(8) [citado 2009-11-04]:721-4.
13. Orsini M, Reis CHM. Ciência de la supervivencia. *Rev Neurol* 2009;49:503-4.
14. Macdonald S, Kam J. Aardvark et al: quality journals and gamesmanship in management studies. *J Info Sci* 2007;33:702-17.
<http://dx.doi.org/10.1177/0165551507077419>